

dominando, pois o trabalho mais direto junto às comunidades, formação de agentes, tende a fazer progressos neste campo. Um trabalho lento, difícil, mas muito necessário.

Numa visão assim, o trabalho catequético exige grande paciência e motivação. Os frutos vão surgindo, graças a Deus.

CONCLUSÃO

Temos, ao menos, três meios de nos defrontarmos com a religiosidade popular, três linhas de análise:

1) a **linha folclórica**: o povo não existe, é o "povão". O que faz não tem sentido próprio, é mais para diversão. É influência americana pura, onde o sentido popular é o sentido folclórico, turístico, lucrativo. Então propõem-se as festas e tradições e se convidam espectadores. São coisas do passado, que devem ser reanimadas, porque "distraem".

O grande erro dos movimentos evangelizadores: acabar com o que é do povo "simples"

Talvez foi e é esse o grande erro dos movimentos evangelizadores e de atualização pastoral: acabar com o que é do povo "simples", porque é alienação, não serve mais para os novos tempos. Então se destrói não só a cultura popular mas se tira ao povo o direito de expressar simbolicamente a vida.

2) a **linha iluminista**: vê o homem como razão, pensamento. "Cogito, ergo sum", penso, logo existo. Como se acha que o povo não sabe pensar, não existe. Na era da razão pensada não há lugar para o povo. Desde a Renascença que os povos periféricos (não-europeus) vêm sendo destruídos em nome da razão. E continuam a ser destruídos pelo nosso modo de trabalhar a partir do "cogito", convencidos de que um cartaz com

bela frase vale mais do que cores, flores, músicas, vestes, velas, incenso, procissões, imagens. A Liturgia, que criou o "teatro" para a comunicação, vendeu-o de graça para a Televisão, a grande imprensa. Neste ponto, os agentes religiosos podem ser mais nefastos para a cultura popular do que os mass-mídia.

3) a **linha culturalista**: tudo o que o povo faz tem sentido, define modos de existir. Possibilita o "encontro" e não a "des-truição". Realiza o encontro do "eu" com o "tu" do outro, para estabelecer um diálogo, do qual brotará o "novo". Neste campo é grande a contribuição do grande pensador judeu Levinas. Fugir da tentação da "totalidade", para buscar o novo na "pluralidade". No encontro ser capaz de sentir, estabelecer a simpatia. O respeito pela pessoa não pode ser dissociado de sua cultura. Qualquer instrumentalização, mesmo a mais bem intencionada, como a troca de significados para tradicionais significantes, é imoral, porque não aceita o "tu" dialógico e cobiça o englobamento de todos num "eu" novamente alienante.

Concluindo estas linhas sobre a religiosidade popular do Sertão, tiramos apenas duas conclusões: a religiosidade popular sertaneja é fruto de um meio histórico-geográfico próprio, tem seu sentido legítimo na vida das pessoas dela participantes; segundo, não se pode ignorar seu caráter alienante, mas necessário. Certos tipos de alienação não necessários para que a angústia não nos destrua.

E esta alienação é a que identifica o sertanejo com seu meio. Neste caso assumimos uma avaliação positiva e provisória dessa alienação frente à história, mas aceitando este tipo de religiosidade como legítimo. São muitas as formas de encarnação da fé: a sertaneja é uma. A descoberta da pluralidade nos faz valorizar as manifestações religiosas populares, sagradas porque definem o sentido de viver em determinada região. O povo tem direito de ser povo, de ser um "tu" legítimo no diálogo da fé.

Endereço do Autor:

Casa Paroquial

Praça Getúlio Vargas, 187

47530 - Oliveira dos Brejinhos - Bahia

A RELIGIOSIDADE DO AÇORIANO (Elementos para uma pastoral comprometida com ele)

Alfred A. Portele, Carlos Guesser,
Francisco J. Guesser, José A. Campigotto,
Josino do Amaral, Lauro R. Mittelmann e
Valmor J. Umbelino - Alunos do 3º e 4º anos
e Pe. Vitor Galdino Feller - Professor
de Teologia Dogmática

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a pretensão de iniciar um programa maior, que é o interesse por conhecer as diversas realidades étnicas e culturais da arquidiocese de Florianópolis. Deixando para uma próxima oportunidade o estudo sobre o negro, o italiano e o alemão, nos debruçamos agora sobre o povo açoriano.

Estamos apenas iniciando. Às pressas, tentamos preparar algo para estes "ENCONTROS TEOLÓGICOS". Não buscamos fundamentações científicas. Deixamo-nos guiar pela intuição. Reunidos em grupo, fomos conversando sobre este povo, sua cosmovisão e religiosidade. O que aqui oferecemos é

o fruto imediato dessas conversas. Nosso intuito não é uma abordagem sócio-religioso-política global, mesmo porque não há, ou não dispúnhamos de boa bibliografia e respeito. O que nos interessa, simplesmente, é descobrir, na cosmovisão e nas manifestações religiosas deste povo, onde estão as "sementes do Verbo" ou, ao contrário, os impedimentos para o anúncio é o início do Reino de Deus.

Deixar-nos também evangelizar por este povo e sua cultura

Assim, sem nenhuma pretensão de sermos exaustivos, dividimos o artigo em três partes: 1. um sobrevôo de sua visão sobre o mundo, Deus, o tempo e o espaço, o mal, a família, etc., realidades onde se pode perceber o que vem e o que não vem do Evangelho; 2. a recordação de algumas manifestações de sua religiosidade popular, seja em termos de valores, seja em termos

de eventos, com o intuito de salientá-los como lugar ótimo para a evangelização; 3. algumas sugestões de como se pode, a partir desses elementos da sua situação socio-religiosa, continuar o anúncio da evangelização, convertendo-nos do que é espúrio à Boa Nova da salvação e adubando as sementes já germinadas do Verbo... restando, ao final, um chamado a deixar-nos também evangelizar por este povo e sua cultura tão marcada pela presença misteriosa de Deus.

Creemos, com isto, poder oferecer algumas contribuições para uma pastoral verdadeiramente libertadora, que leve em conta, assumindo-a para redimi-la, a religiosidade de um povo que marca profundamente a história de Santa Catarina. Se a contribuição é maior para a arquidiocese de Florianópolis e todo o litoral catarinense, não o é menos interessante, contudo, para as outras regiões do Estado. Para todos os agentes de pastoral de Santa Catarina vale a sugestão de estudar as riquezas étnico-culturais que os diversos grupos que formam a nossa população nós podem oferecer. Açorianos e negros no litoral; descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses e outros no subúrbio da serra; caboclos no planalto serrano; descendentes de indígenas e de gaúchos no oeste... como este povo é respeitado pelo evangelizador de hoje? e como os nossos agentes de pastoral podem aprender, com eles, a serem verdadeiramente arautos da Boa Nova da libertação para todos os povos e culturas?

Em termos de reflexão, na obra de Pe. José Arturino Besen, no litoral, e de Pe. Hélcion Ribeiro, no planalto serrano, estão dados os passos iniciais. Resta uma história de evangelização... à nossa frente!

1. A COSMOVISÃO DO POVO AÇORIANO

Para o açoriano, o mundo, é um conjunto de forças misteriosas. É o campo de luta entre o bem e o mal. Nessa luta, o mal pode ser feito por muitos. "Para fazer o bem existem poucos", diz ele. No mundo, cada um nasce com um destino, uma sina. O destino é imutável, embora possa ser remediado pelas benzeduras, promessas, desobrigas, rezas. Na vida social, essa visão deixa como reflexo o compadrio, na busca de remediar a sorte do afilhado. Na vida política, gera a ligação com o cabo eleitoral, geralmente o mais rico do lugar, capaz de ajudar em momentos de infortúnio. Na vida moral, há um rigorismo de fachada e um laxismo na prática, p.ex., fuga para o casamento. Pode vir dessa visão também o sentimentalismo.

Em continuidade com essa visão do mundo, Deus é um ser distante, que se manifesta por sinais e precisa ser invocado constantemente. O demônio também, se invocado, vem. Deus é justiciero e castiga. "A justiça divina tarda mas não falha". O raio, p.ex., é um mandato, um castigo. Deus é invocado, p.ex., pela bênção que os mais velhos dão aos mais novos, pelas rezas, sinais, credo em cruz, diante de uma desgraça ou perigo. Cristo é um intermediário, como outro Santo ou o maior dos Santos. O divino Espírito Santo também. Deus cobra as promessas, e quem não paga está danado. Os Santos são protetores. Deus dá o destino de cada um e trata cada um pessoalmente. Daí o costumeiro dito: "se Deus quiser". O demônio não pode ser nominado pessoalmente, o que poderia parecer uma invocação, com o risco de ele vir a se fazer presente. Por isso usam-se outros nomes: "aquele bicho", p.ex.

Com relação ao espaço, o mar é o lugar da vida e da morte. Ali acontece o duelo da existência. É o ganha-pão e tem que ser enfrentado. "Tudo o que tem na terra tem no mar": cavalo, boi, estrela, etc. A vida do mar é regida por outro conjunto de forças: ventos, luas, marés, climas... que precisam ser respeitadas. Do mar vem a vida, do mar vem a morte. Depende de saber lutar com o mar e contra o mar para sobreviver. A terra não tem muita importância, pois os espaços de pesca são divididos e os terrenos geralmente não são bem legalizados. A terra é ponto de apoio do mar. É o lugar da mulher, do aconchego, da festa, do descanso. É o feminino do mar. O mar é o

elemento dominante. Há um descaso em relação à terra. Exemplo desta dialética é a fábula seguinte: O mar dominava a terra e fez um trato com ela para não inundar-lhe um palmo por dia, desde que esta lhe desse diariamente um de seus filhos; mas mesmo assim, no fim o mar vai tomar a terra...

O tempo, por sua vez, é concebido num movimento cíclico, que não se dá, porém, de forma determinada e fatalista. Sabe-se que tudo vai e vem, mas não se sabe o momento em que isso vai acontecer: há peixe, não há; chove, não chove. O que domina é o imprevisível, que marca as relações sociais, familiares, religiosas, políticas etc. É a gratuidade do momento. Não há preocupação em cronometrar o tempo: as conversas, as refeições, a cachacinha. Não há, por isso, preocupação em memorizar a história (o passado é mistério!) nem de construí-la (não há preparação para o futuro). Não há mudanças que possam ser provocadas pela ação humana. Daí a mentalidade conservadora.

Diante do mal e do sofrimento, pensa-se em castigo, pagamento, purificação. Eles têm causas naturais, ou vêm do poder maligno, e para isso existem as benzeduras. O destino comanda o sofrimento. O mundo é um vale de lágrimas, e sofrer é sinal de purificação. É preciso ter paciência. Daí a atitude de queixumes. Não há revolta, mas resignação.

Em sua visão de sociedade, há uma rede de associações que são independentes, e não podem interpenetrar-se. "Roupa suja se lava em casa". Proliferam as irmandades, confrarias, associações de trabalho e organizações folclóricas, parreiras, arrastões. Existem organizações esporádicas (reis, festa do Divino, farrá do boi). Há mais preocupação com a micro do que com a macro-sociedade. Nas organizações se impõe o sistema hierárquico. A autoridade política e religiosa é distante e quase venerada. Escolhe-se, p.ex., o professor para falar com o prefeito.

A família, nessa esteira, é patriarcal, cabendo à mãe as tarefas da casa e da educação dos filhos. Assim que os filhos crescem tornam-se outra família independente dos pais. Uma consequência da não preocupação com o futuro dos filhos. Há intimidade entre adultos e crianças. Uns e outros se chamam pelo nome e apelido, a não ser na hora de pedir a bênção. As filhas são mais guardadas, enquanto os rapazes têm mais liberdade.

2. A RELIGIOSIDADE POPULAR DO AÇORIANO

É caracterizada por não trazer originariamente os traços da romanização. Juntamente com outras levas lusas (vicentinos, p.ex.) ela era menos marcada pelo sacramentalismo, e clericalismo, do que o é a religiosidade trazida pelos imigrantes italianos e alemães, marcada mais pela teologia do concílio de Trento. Com o tempo, porém, foi entrando também na religiosidade açoriana o elemento da romanização.

Alguns traços principais:

- **valorização do leigo** nas celebrações, nas novenas e rezas, onde funcionam diversos ministérios leigos: capelães, rezadeiras, cantores e foliões, benzedoras, irmãos, leiloeiros, etc;

- **valorização do sentimento e da expressão corporal**: procissões, feições dos Santos, tirar o chapéu, fazer o sinal da cruz, chorar, gestos que acompanham palavras, botar a mão no Santo, beijar fita, pegar flor de andor, jogar flor no morto, acender vela;

- **valorização do sofrimento**: principalmente na feição sofredora das imagens (Senhor dos Passos, Jesus Morto, Cristo Crucificado, São Sebastião), abstinência de carne como participação na fraqueza de Deus que está sofrendo, diversas abstenções e preceitos a serem observados na sexta-feira santa (não varrer casa, não pentear o cabelo, não fazer comida, não cortar com a faca, não cortar trato para o gado, não cortar lenha, não

cavar a terra, não se divertir, tratar bem os animais, não matar nenhum animal, nem inseto, etc.), tudo como participação nas dores de Cristo;

- **sentido da morte:** enfrentada com grande dor. A casa do morto fica fechada por sete dias que precedem o "terço da coberta", onde outra pessoa é vestida pela família do morto com as roupas por ele usadas e o substitui sentimentalmente. O morto "perde o nome" para "falecido". Em muitos lugares se faz a defumação da casa após a saída do morto ou a coberta da alma;

- **benzeduras:** para curar os males de origem natural ou maligna, recorre-se às benzedouras, capazes de afugentar o mal. Af se conjugam várias crenças: poder de Deus, da Virgem e dos Santos, das palavras certas, gestos e sinais, força simbólica dos números, das coisas naturais, vegetais e animais, poder da rima e do ritmo;

- **sentido sagrado dos animais:** o boi é bento, porque aqueceu Jesus com seu bafo na mangedoura; o cavalo é maldito porque tem bafo frio e é o transporte dos poderosos (conferir); o linguado é maldito porque caçou de Nossa Senhora quando esta quis uma vez atravessar o rio, arremedando-a; o siri é bento porque, na mesma oportunidade, ofereceu carona a Nossa Senhora, que lhe deixou a marca nas costas; a correquinha é bendita porque apagava as pegadas da Sagrada Família na fuga para o Egito; o tico-tico é maldito porque as destapava; o bem-tevi é maldito porque avisava, com seu canto, onde é que Nossa Senhora e seu filho estavam, na fuga para o Egito...

- **sentido da festa:** Festa é para festejar, tem sentido por si mesma. O dinheiro da festa é para a festa mesma, para a alegria. Vale mais por ela mesma e não por seus fins lucrativos. Carrega o sentido da pompa. "Roupa nova é para a festa". É nas festas que se faz a desobriga. As festas são o ponto forte no tempo da vivência religiosa (batizados, casamentos), a qual durante o ano entra em baixa. As festas servem para a catequese popular.

Alguns eventos característicos:

- **terno de reis:** é paralelo às festividades litúrgicas, realizado na época do Natal, estendendo-se até o dia dos Reis de Santo Amaro. Não percorre todas as casas como a Bandeira do Divino, mas é movido por interesses de amizade e camaradagem. As vezes é também apresentado nas igrejas.

- **quaresma e Semana Santa:** quaresma é tempo de preparação para a Semana Santa. Não aparece forte o sentido da Páscoa, da alegria pascal, a não ser nas manifestações do sábado gordo (sábado de aleluia), com festas profanas como a matança do boi e dos bailes de Páscoa, que refletem mais o final de um tempo de penitência e de recordação dos sofrimentos de Jesus, do que a alegria por um novo tempo e a vida nova. Dois eventos importantes dessa época são a Procissão dos Passos e a Farra do Boi.

- **procissão dos Passos:** feita em torno dos sofrimentos de Jesus Cristo e de sua Mãe, com os quais o povo mesmo se identifica. Assim, quanto mais desfigurada a imagem, mais toca o coração do povo. Nesse dia, pagam-se as promessas mais pesadas e sofridas. O pregador deve emocionar a multidão com um sermão moralista e culpabilizante. É a Irmandade que o convida, numa oportunidade única que lhe resta para manifestar sua força e influência.

- **farra do boi:** Embora não seja um evento religioso, traz elementos que a ligam com a religiosidade. O boi, embora bento, representa a força da carne contra a fraqueza de Cristo. Ele é um animal sagrado. Dele se tem medo, curiosidade e atração. De tão sagrado pode tornar-se demoníaco, encarnando as forças do mal quando se encontra enfurecido. A origem ainda desconhecida e discutida da Farra do Boi pode estar ligada a esse fator sagrado, aliado ao fato de que a carne não era um alimento habitual (pelo alto preço era substituída pelo peixe),

sendo reservada para os tempos festivos. O sábado santo era considerado um "sábado gordo". Para esse dia devia-se capturar o boi e prepará-lo para o abate. Af juntam-se o medo em tratar com o animal, a curiosidade de enfrentar o mal, a quebra do preceito moral de não maltratar os animais nesse tempo santo...

- **festa do Divino:** trazida dos Açores, incentivada pelo Imperador do Brasil, é uma manifestação religiosa tipicamente leiga. Nela o povo demonstra sua fé no Espírito Santo, no sentido do louvor a Ele por aquilo que Ele é (uma das Três Pessoas divinas, ou um Santo?), pedindo-lhe graças, proteção e auxílio nas necessidades. Além disso, mostra a não distinção entre as casas e famílias, uma vez que a Bandeira do Divino (um mastro enfeitado com fitas e encimado por umã pombinha) visita todas as famílias, a quem leva, em recompensa pelos bens doados, a bênção de Deus. Carrega uma coloração política (a nível de pequena política, no interior da comunidade mesma), na coroação do Imperador, nos cortejos e nas pompas (manifestações essas que demandam dinheiro... e quem o tem?. O pároco mesmo entra no ritmo imprimido pela força leiga da Irmandade do Divino Espírito Santo.

A saída é uma pedagogia do conflito, em que se mostre a quem essa visão favorece.

3. COMO EVANGELIZAR E DEIXAR-SE EVANGELIZAR NESTA SITUAÇÃO?

A ação evangelizadora deve puxar pela dignidade mesma das pessoas, apelando para sua liberdade e responsabilidade na construção e na caminhada da história. Mostrar que nem tudo está pronto, que o destino somos nós que o construímos, não é tão fácil assim diante de uma visão mental e social em que é "bom" que se continue a pensar assim. A saída é uma pedagogia do conflito, em que se mostre a quem essa visão favorece. Como ela favorece aos donos do poder e da riqueza, é necessário fazer ver aos pobres, agricultores e pescadores, que eles estão sendo escravos de uma mentalidade da qual eles mesmos precisam libertar-se. A visão cristã apresenta o mundo como história a ser construída e vê a Deus como alguém que criou o mundo e o homem, e quer que o homem se realize, pessoal e socialmente, na caminhada da história. Ela carrega, por isso, um valor libertador e não de alienação e opressão.

Assim, no anúncio cristão sobre Deus junto ao povo açoriano, é aconselhável e conveniente não deixar de lado os Santos. Antes, eles servem como ponto de partida para falar de Deus, já que são mais acessíveis e gozam de confiança no meio do povo. Eles foram, aliás, homens e mulheres que não se deixaram levar por uma concepção destinista da história, fundando associações, entidades sociais de promoção da pessoa humana. Deus, para eles e para nós, não é alguém que manda sozinho na história, mas é uma Comunidade de Três Pessoas que agem na história dos homens encaminhando-a para a verdadeira liberdade.

A partir da devoção que se tem a Jesus Cristo como homem-Deus, morto e ressuscitado, pode-se apresentar a imagem de um Deus bem mais próximo, presente na história, ajudando-nos na libertação das opressões históricas e nos conduzindo ao Reino definitivo.

Nas festas do Espírito Santo, pode-se falar de um Deus que chama as pessoas e as comunidades ainda hoje a viverem a fraternidade e a justiça e a lutarem por um mundo melhor, que favoreça mais comunhão e mais participação da vida mesma de Deus.

Diante da cosmovisão sobre o mar e a terra, há um tra-

balho muito importante a ser realizado pela pastoral pesqueira e pela pastoral da terra. Se de um lado é preciso defender o pescador diante das dificuldades do trabalho no mar (p.ex. lutando por melhores condições de vida, mais segurança nos barcos, proibição da pesca predatória, projetos de procriação de peixes e frutos do mar, melhores condições de comercialização etc.), por outro lado, é preciso também estar atento a que sua ida para o mar não seja uma fuga dos problemas da terra. Com efeito, enquanto, no mar, os conflitos são mais marcadamente pessoais, os da terra são mais amplos e demandam mais decisão e coragem (conflitos familiares, sociais, políticos, econômicos, etc.). É na terra que se trava a verdadeira luta pela sobrevivência, com a participação nas organizações políticas e sindicais, no embate com as forças do poder dominante e opressor. Assim, uma visão mais ampla da economia e da política deveria levar o pescador a cuidar mais da sua terra (legalização da posse, horta familiar, enfrentamento com a especulação imobiliária, relacionamento fraterno mas não submisso nem alienado com o turista, manutenção dos próprios valores culturais, etc.).

Urge também levar o povo a recuperar a memória histórica

Diante da concepção do tempo, vivido mais no imprevisto do que organizado, é necessário aproveitar os momentos gratuitos de conversa no bar, nas festas comunitárias e familiares, na coleta do arrastão, nas horas em que se contam histórias de pescador, nos dias de tempo ruim em que o pescador fica parado... São estes os momentos propícios para a evangelização. Não se deve esperar que eles venham à igreja; é o evangelizador que deve ir a eles. Urge também levar o povo a recuperar a memória histórica, fazendo perguntas sobre seu passado, relembrando acontecimentos e pessoas (como eles bem gostam de fazer), mas interpretando-os à luz do presente. De outro lado, também o futuro deve ser pensado e forjado, por meio de organizações, sindicatos, associações de pescadores e das mulheres de pescadores. Os tempos fortes precisam ser melhor aproveitados com celebrações litúrgicas mais atraentes e chamativas.

Enfim, é preciso fazer ver qual é a contribuição das pessoas no aproveitamento do próprio tempo, no sentido de participar da construção da história da comunidade e da sociedade.

Em sua concepção sobre o mal e o sofrimento, é preciso que haja inicialmente uma verdadeira valorização da realidade sofrida do povo, fazendo ver que é uma realidade que sempre esteve presente na história e que continua hoje. A partir daí, urge contudo ir às causas desse sofrimento, até perceber que nem tudo vem de Deus e da natureza, mas sim, as mais das vezes, é fruto da exploração, da injustiça que os grandes infligem sobre os pequenos, e da própria mentalidade acomodada e resignada destes.

Na organização social, é preciso reconhecer o valor das pequenas organizações (onde se trocam experiências, favores, produtos), buscando evitar ao máximo a competição destrutiva entre eles e favorecendo assim a criação de organizações maiores que se abram para a sociedade mais ampla da cidade, do Estado e do país. Nas pequenas comunidades salienta-se o despertamento de lideranças, um maior conhecimento entre as pessoas; mas também corre-se o risco de grupos bloqueadores de comunicação.

Enfim, o evangelizador deve também ter presente que a cultura açoriana não é somente uma realidade a ser evangelizada. Ela é, também, seja em sua origem, seja em sua forma já uma vez evangelizada, um agente de evangelização. Há muito o que aprender do povo açoriano. Religiosidade de filho fiel no relacionamento com Deus. Hospitalidade e simplicidade no trato com as pessoas. Soberania sobranceira e alegre no uso do tempo. Respeito com os animais e as plantas. Enfrentamento corajoso na defesa dos próprios valores diante do avanço devastador da cultura uniformizada da cidade grande.

Assim, na inculturação da fé, vão se abrindo caminhos de libertação, a serem trilhados tanto pelo povo açoriano como por aquelas pessoas e comunidades que com ele e com sua realidade convivem.

*Endereço dos autores:
Caixa Postal, 5041 - ITESC
88041 - Florianópolis - SC*

A TEOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO NA FESTA DO DIVINO

**José Adilson Campigotto
e Josino do Amaral**
Alunos do 4º ano

INTRODUÇÃO

O litoral de Santa Catarina é profundamente marcado por suas práticas religiosas, em que coexistem diversos níveis de vivência cristã. O Espírito vivificante age nesse meio, gerando vida e transformando o velho em novo.

Tomamos como limite da religiosidade popular a vivência daquilo que está por detrás do conjunto de atos religiosos: cultos, ritos e práticas. Aqui referimo-nos aos festejos do Divino Espírito Santo. Sendo uma festa católica, pretendemos falar concretamente das manifestações do Espírito Santo no catolicismo popular, no litoral catarinense.

Escolhemos a festa do Divino, por ser uma manifestação religiosa típica do nosso povo. Procuramos analisar a produção teológica dos versos populares e a estrutura da própria festa, na busca da teologia de fundo que anima a fé do nosso povo na pessoa e na ação do Espírito Santo.

HISTÓRIA E ORIGEM DA FESTA DO DIVINO

Para entendermos melhor a teologia da festa do Divino, tal qual é realizada hoje, nas comunidades do nosso litoral, é necessário conhecer, ao menos por cima, a sua origem.

Entre 1282 e 1336 reinavam em Portugal a Rainha Santa, Isabel, e seu marido, o rei Dom Dinis. Segundo Walter F. PIAZZA (p. 31ss), a Rainha, em viagem diplomática, esteve na Alemanha, onde presenciou as quermesses que eram feitas com o fim de ajudar os pobres. Devido a isso há autores que arris-